

RECENSÃO

Autor:

Pedro Monteiro

pedromont.94@gmail.com

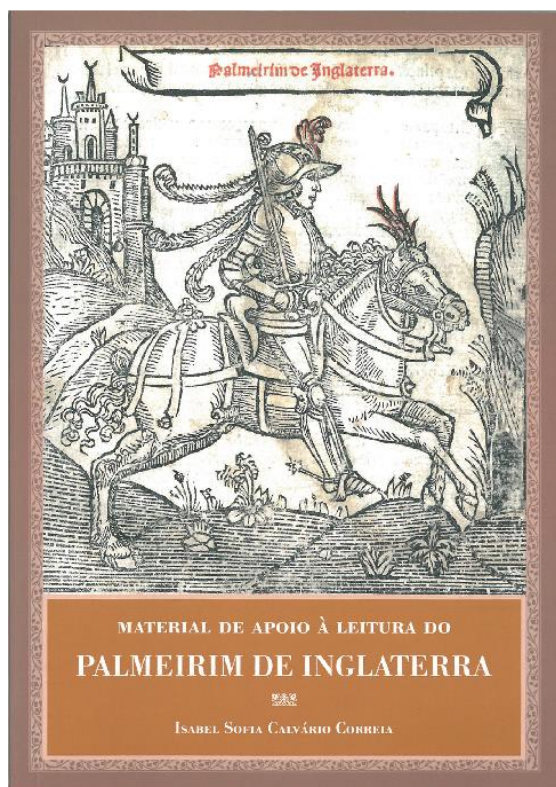
Título:

Isabel Correia, *Material de Apoio à Leitura do Palmeirim de Inglaterra*, Porto, Estratégias Criativas, 2021.

Como citar esta recensão:

Pedro Monteiro, «Recensão crítica de Isabel Correia, *Material de Apoio à Leitura do Palmeirim de Inglaterra*, Porto, Estratégias Criativas, 2021», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, vol. 6, 2021, pp. 209-214.

DOI: 10.21747/21839301/gua6r2



Isabel Correia

**Material de Apoio à Leitura
do *Palmeirim de Inglaterra***

**Porto,
Estratégias Criativas
2021**

Não sendo um género literário especialmente reconhecido quer entre académicos, quer entre um público mais amplo, os livros de cavalaria têm vindo a receber, nos últimos vinte anos, particular atenção da crítica especializada. Os trabalhos que, com crescente frequência, vêm revisitando e analisando, a partir de distintas perspetivas, a literatura cavaleiresca, têm tido sobretudo o objetivo de reivindicar para estas obras um espaço poético próprio dentro das histórias das literaturas nacionais, enquanto verdadeiras pedras angulares naquilo que foi o processo de evolução da narrativa ficcional desde a Idade Média até ao romance contemporâneo. É, portanto, também neste contexto que se deve enquadrar a publicação do livro que aqui se apresenta – *Material de apoio à leitura do Palmeirim de Inglaterra*, de Isabel Correia –, obra que, sem dúvida, abre caminho para uma maior difusão da matéria cavaleiresca portuguesa.

Herdeiros diretos da tradição cíclica do romance arturiano francês em prosa, foi depois da reformulação e ampliação do texto medieval do *Amadís de Gaula*, levada a cabo por Garcí Rodríguez de Montalvo, e impressa pela primeira vez por volta de 1496, talvez em Sevilha, que os livros de cavalaria, enquanto “género editorial”, nas palavras de José Manuel Lucía Megías, conheceram um desenvolvimento exponencial. O primeiro livro de cavalaria escrito em português foi a *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, publicado em 1522, em Lisboa. A este título seguiu-se a impressão de vários textos cavaleirescos portugueses, ainda que nunca ao mesmo ritmo da imprensa

espanhola. Cerca de 1544, foi dado à estampa pela primeira vez o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes. Dez anos mais tarde, os *Triunfos de Sagrador*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos e, em 1567, o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, do mesmo autor. Finalmente, os últimos dois títulos portugueses a serem impressos foram as continuações nacionais do texto de Francisco de Moraes. Em 1587 publicou-se o *Duados de Bretanha*, de Diogo Fernandes, contendo a terceira e quarta partes do *Palmeirim de Inglaterra*, e em 1602 o *Clarisol de Bretanha*, de Baltasar Gonçalves Lobato, correspondente à quinta e sexta partes da obra de Moraes. A estes títulos há ainda a acrescentar todos aqueles que circularam apenas em versão manuscrita, como é o caso da *Crónica do Imperador Beliadro*, obra que se conserva em mais de 40 testemunhos. Estes textos, escritos ao longo do século XVI, relatam em grande medida as biografias ficcionais de extraordinários heróis cavaleiros, tendo em conta três eixos principais – amor, guerra e religião. Naturalmente, o avançar da centúria de quinhentos levou a que os novos textos incorporassem distintas temáticas e fossem sofrendo influências de outras tradições, seja da historiografia, seja da narrativa sentimental ou pastoril. Quanto ao texto de Francisco de Moraes, o único exemplar conhecido da primeira edição, impresso provavelmente em França, c. 1544, foi descoberto por Aurelio Vargas Díaz-Toledo na Biblioteca privada do Cigarral del Carmen, em Toledo, e não conserva o frontispício. Este texto, dedicado à infanta Dona Maria, irmã de D. João III, foi depois reimpresso em Portugal em 1567 e em 1592.

É necessário, assim, sublinhar devidamente o significado que o mais recente livro de Isabel Correia apresenta. Por um lado, este trabalho demonstra a importância da literatura cavaleiresca do renascimento português, e, por outro, significa um passo adiante na difusão do conhecimento académico sobre um género que, ainda hoje em dia, é tantas vezes mal interpretado ou simplesmente esquecido. Se para qualquer académico, especialista ou não em literatura cavaleiresca, o *Material de apoio à leitura* revela ser de extrema utilidade, para um público mais amplo torna-se indispensável, uma vez que permite um conhecimento rápido, organizado e simultaneamente profundo de uma obra que é o expoente de um género tão pouco conhecido, permitindo uma mais ampla difusão do conhecimento em torno dos livros de cavalarias portuguesas.

E que melhor forma haveria de abrir as portas do conhecimento académico ao grande público, do que através de um manual de leitura dedicado àquele que é comumente considerado não só o melhor livro de cavalarias português, como um dos melhores exemplos de todo o género? Nunca é demais lembrar que o *Palmeirim de Inglaterra* foi um dos poucos textos cavaleirescos que se salvou da fogueira expurgatória num episódio do *Quijote* de Miguel de Cervantes, como, aliás, a autora lembra na introdução do livro que aqui se apresenta.

Se tudo o que se acabou de referir atesta a centralidade do *Palmeirim de Inglaterra* na literatura portuguesa de quinhentos, o facto de ser praticamente desconhecido fora do meio académico especializado é um dos pontos mais relevantes que a obra de Isabel

Correia irá, certamente, cobrir. Atente-se, por isso, com algum pormenor, na organização do *Material de apoio à leitura do Palmeirim de Inglaterra*. Apresenta-nos este livro sete partes constitutivas, de tamanho variado, mas de igual relevância. Abrindo com uma introdução ao *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, a autora sintetiza com grande perícia as várias problemáticas que envolvem a obra. Partindo do debate historiográfico relativo à autoria e à primazia da versão portuguesa sobre a tradução espanhola, apresenta a autora algumas considerações sobre o tema central que marca a obra de Moraes – o amor –, sem nunca deixar de lado a mestria do escritor quinhentista na hora de criar cativantes personagens, nomeadamente o irmão do herói, Floriano do Deserto, e aquela que é a figura feminina mais destacada da obra, a controversa e fascinante Miraguarda.

À introdução, segue-se aquela que é a maior parte do trabalho: o resumo do argumento, dividido não por capítulos, mas por eixos temáticos que permitem agrupar diferentes aventuras. De seguida, encontramos um completíssimo índice de personagens da obra que conta com mais de, pasme-se, trezentas entradas. Deve explicar-se que os livros de cavalarias contam normalmente com um número vastíssimo de personagens, entre as quais se estabelecem complexas relações genealógicas, apenas comparáveis aos contemporâneos romances de Tolkien ou ao emaranhado familiar dos *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. A completar este volume, encontra-se também um índice toponímico, um índice de elementos mágicos e um índice heráldico, o que se revela uma importante novidade face aos guias de leitura cavaleirescos espanhóis e que, além de ser de uma extrema relevância, mostra igualmente a sensibilidade de Isabel Correia para a temática cavaleiresca, apenas possível dado o seu percurso prévio e o seu profundo domínio da matéria arturiana. Este manual de apoio à leitura da obra-mestra de Francisco de Moraes termina, ainda, com uma bibliografia que, não sendo exaustiva, apresenta desde títulos clássicos a estudos recentes, centrais e indispensáveis para qualquer pessoa que queira aventurar-se pela floresta cavaleiresca dos livros de cavalarias, e do *Palmeirim de Inglaterra* em particular.

Enfim, o trabalho que apresenta Isabel Correia no *Material de apoio à leitura do Palmeirim de Inglaterra* repousa precisamente no seu domínio da ficção arturiana medieval, na extrema dedicação e seriedade científica com que foi desenvolvendo os seus estudos ao longo dos anos, e na metodologia comparatista que foi usando sempre em cada publicação, analisando fenómenos específicos sem nunca perder de vista as ligações textuais e culturais que cada narrativa estabelece com a tradição imediatamente anterior, bem como com todo o contexto histórico-cultural que naturalmente envolve o surgimento de cada obra literária. Os caminhos que a autora trilhará daqui em diante serão certamente marcados por uma frutífera mistura entre o romance arturiano em prosa, a sua receção em espaço português e o desenvolvimento dos livros de cavalarias ibéricos. Resta apenas dizer que a publicação deste guia de leitura do *Palmeirim de Inglaterra* será um destacado marco no momento atual de renascimento dos estudos em torno da literatura cavaleiresca quinhentista, ao mesmo

Pedro Monteiro

tempo que passará certamente a ser leitura obrigatória para investigadores, alunos, curiosos e todos aqueles que, pela primeira vez, deparem com o maravilhoso universo criado por Francisco de Moraes.